

Repercussões da pandemia da COVID-19 no desenvolvimento psicossocial infantil

Fabiana Nascimento França¹

Fabio Gonçalves Coutinho²

Ingrid Kandler³

Resumo: Introdução: os efeitos indiretos da COVID-19 na população pediátrica como os prejuízos no ensino, na socialização e no desenvolvimento psíquico e emocional são dados que devem ser analisados nesta população. **Objetivo:** analisar a repercussão da pandemia da COVID-19 no desenvolvimento psicossocial infantil. **Métodos:** pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com busca de artigos sobre COVID-19 na faixa etária pediátrica, nas bases de dados Lilacs (Literatura Latino-americana em ciências da Saúde), Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e PubMed (*National Library of Medicine*) entre 2020 e 2021. **Discussão:** os dados mostram que as crianças tiveram consequências não apenas emocionais, mas também em termos sociais na sua integração psicossocial. **Conclusão:** há necessidade de desenvolver políticas sociais, psicológicas, de saúde e bem-estar das crianças, a fim de ajudar a mitigar os possíveis efeitos que a faixa etária infantil pode ter sofrido com a pandemia da COVID-19.

Palavras-chave: Desenvolvimento Psicossocial; COVID-19; Infância.

The impact of the COVID-19 pandemic on children's psychosocial development

Abstract: Introduction: The indirect effects of COVID-19 on the pediatric population—such as disruptions to education, socialization, and psychological and emotional development—are factors that warrant analysis in this population. **Objective:** To analyze the impact of the COVID-19 pandemic on children's psychosocial development. **Methods:** A literature review was conducted to search for articles on COVID-19 in the pediatric age group in the Lilacs (Latin American Literature in Health Sciences), Scielo (Scientific Electronic Library Online), and PubMed (National Library of Medicine) databases between 2020 and 2021. **Discussion:** The data show that children experienced not only emotional consequences but also social consequences regarding their psychosocial integration. **Conclusion:** There is a need to develop social, psychological, health, and well-being policies for children to help mitigate the potential effects that the pediatric age group may have suffered due to the COVID-19 pandemic.

Keywords: Psychosocial Development; COVID-19; Childhood.

¹ Médica, aluna da Pós-graduação em Pediatria pelo Instituto de Pós-Graduação Kandler Coutinho – IKAT. E-mail: fabianafranca466@gmail.com

² Doutor, médico infectologista e Professor do Instituto de Pós-Graduação Kandler Coutinho – IKAT. E-mail: coutinhofg@yahoo.com.br

³ Doutora, médica pediatra e Professora do Instituto de Pós-Graduação Kandler Coutinho- IKAT. E-mail: ingrid.kandler@yahoo.com.br

Introdução

A pandemia da COVID-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, é a maior desde a gripe espanhola, em 1918, com quase 200 milhões de casos confirmados até junho de 2021, se aproximando dos quatro milhões de mortes em todo o mundo.

Em resposta à pandemia, os governos em todo o mundo adotaram políticas que visavam reduzir a transmissão do vírus, dentre as quais medidas de distanciamento físico (ou social) que, embora tenham ajudado a reduzir o número de novas infecções, ganhando um tempo valioso para o setor de saúde fortalecer sua capacidade e experiência para lidar com pacientes infectados, teve impactos abrangentes sobre a saúde e bem-estar das populações em todos os setores da sociedade, afetando todos os determinantes da saúde (LOADES et al., 2020).

O vírus SARS-CoV-2 tem sido considerado tipicamente benigno em crianças, geralmente se apresentando como uma gripe leve, com baixos índices de morbidade ou mortalidade grave. No entanto, Araújo et al. (2020) ressaltam que essa população enfrenta adversidades aumentadas à medida que os governos intervêm com medidas de controle social.

No mesmo sentido, Levandowski et al. (2021), afirmam que as crianças representam apenas uma pequena porcentagem dos casos de COVID-19 e a maioria pode permanecer assintomática ou apresentar manifestações clínicas leves. Portanto, pode parecer que, em comparação com os adultos, as crianças são menos vulneráveis à essa pandemia. No entanto, desde o início da doença, tem sido apontado que, devido à essa sintomatologia leve, as crianças podem desempenhar um papel significativo na disseminação da infecção. Consequentemente, na maioria dos países do mundo, as escolas foram fechadas e as crianças confinadas em suas casas.

Em 2020, mais de 1,5 bilhão de crianças ficaram fora da escola durante o primeiro pico e a insegurança econômica afetou os mais vulneráveis, com vários efeitos adversos potenciais. Assim, os impactos da pandemia na criança devem ser analisados de uma maneira geral e abrangente, entendendo que o conceito de saúde se aplica ao equilíbrio do corpo e da mente. Para o desenvolvimento integral da criança, a partir do momento em que nasce, a socialização desempenha um papel importante, desde aprender a compartilhar até aprimorar suas habilidades de linguagem. No entanto, com as medidas de distanciamento social em vigor, muitas estão perdendo oportunidades de brincar, de conviver e se desenvolver (SOBRINHO JÚNIOR; MORAES, 2020).

Nesse contexto, para além dos efeitos diretos da COVID-19 na população infantil, que dizem respeito às manifestações clínicas da doença, os efeitos indiretos, como os prejuízos no ensino, na socialização e no desenvolvimento psíquico e emocional devem ser analisados, para que se possa buscar desenvolver e implementar medidas para proteger a saúde e bem-estar infantil.

Diante desta conjuntura, este estudo tem como objetivo analisar os impactos da pandemia da COVID-19 no desenvolvimento psicossocial infantil.

Metodologia

Esta pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com busca nas bases de dados Lilacs (Literatura Latino-americana em ciências da Saúde), Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e PubMed (*National Library of Medicine*) com artigos nos anos de 2020 e 2021.

Como critérios de inclusão, foram selecionados os estudos em língua portuguesa e inglesa, disponíveis gratuitamente, e como critérios de exclusão foram desconsiderados os artigos disponíveis somente o resumo. Foram utilizados os seguintes descritores: “COVID-19” AND “desenvolvimento psicossocial” AND “infância”.

Discussão

A pandemia da COVID-19

A doença do coronavírus 2019 (COVID-19) surgiu em Wuhan, China, em dezembro de 2019, e foi declarada uma emergência de saúde pública em 30 de janeiro de 2020. entretanto, em 11 de março do mesmo ano, devido à sua expansão geográfica, foi considerada uma pandemia global pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (CLUVER et al., 2020).

O vírus SARS-CoV-2 é altamente contagioso, afetando os sistemas de saúde, economias e governos. Enquanto, por um lado, as instituições médicas se dedicaram a desenvolver medicamentos, vacinas e encontrar uma cura, por outro, os governos introduziram medidas e políticas para conter a rápida disseminação da doença. Segundo Wang et al. (2020), embora a

COVID-19 tenha alcançado o status de pandemia e seja predominantemente vista como um problema biomédico, argumenta-se que também deve ser tratado como uma crise psicológica.

Durante os estágios iniciais da pandemia, na ausência de vacinas e tratamentos eficazes, intervenções de saúde pública sem precedentes foram implementadas para conter a transmissão da doença. Isso incluiu o fechamento de fronteiras internacionais, proibições de viagens, bloqueios, fechamento de escolas, distanciamento social e quarentenas. Essas medidas, junto com o medo da pandemia e perturbações na vida das pessoas, têm implicações significativas para a saúde mental (RUBIN; WESSELY, 2020).

Para Linhares e Enumo (2020), as medidas implementadas pelos governos forçou os indivíduos a um estilo de vida não natural e as famílias, especialmente aquelas com crianças, passaram a vivenciar fatores estressantes únicos, como fechamento de escolas, interrupção dos arranjos de creche, exigência dos pais de assumir responsabilidades adicionais, como educação em casa, possível dificuldade financeira e falta de espaço. Os ajustes exigidos pela situação afetam o bem-estar psicossocial de pais e filhos de maneiras diferentes.

Pesquisa sobre surtos de doenças infecciosas anteriores, como síndrome respiratória aguda grave (SARS), gripe suína e influenza revelaram uma ampla gama de impactos psicossociais em nível individual, comunitário e internacional. Estes incluíram preocupações sobre se infectar e medo de morrer, aumento da ansiedade, estresse pós-traumático e depressão, sentimentos de impotência, culpa, pânico e aumento da percepção de risco (REMMERSWAAL; MURIS, 2011). Mais recentemente, tem sido investigados os impactos psicossociais da COVID-19, como estresse moderado a grave, ansiedade generalizada, insônia e depressão associados a bloqueios, isolamento social, desnutrição, violência familiar, mudanças nos hábitos diários, medo, preocupação, dentre outros.

Impacto da COVID-19 nas crianças

Uma questão crucial, mas aparentemente esquecida em um primeiro momento da pandemia, é o impacto psicossocial da COVID-19 na população infantil. Segundo Loades et al. (2020), as pesquisas da psicologia do desenvolvimento afirmam que as experiências aprendidas por meio de fatores ambientais durante a infância geram os fundamentos para o comportamento e o sucesso ao longo da vida, pois é uma fase decisiva para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e psicossociais.

Sobrinho Júnior e Moraes (2020) ressaltam que, na tentativa de retardar a propagação da Doença do Coronavírus 2019 (COVID-19), creches, escolas e centros recreativos em todo o mundo fecharam abruptamente e, desde então, tiveram reabertura inconsistente. Durante os primeiros meses da pandemia, cerca de 1,5 bilhão de crianças estiveram fora das escolas e creches, sem acesso a atividades em grupo, esportes coletivos ou playgrounds, o que influenciou significativamente suas vidas.

Simultaneamente, muitos pais trabalharam e/ou continuam a trabalhar em casa, enquanto outros estão atuando em ambientes de alto estresse e/ou enfrentando perdas inesperadas de renda. Coletivamente, essas experiências causaram mudanças substanciais e únicas para as famílias (SAFADI, 2020).

Tem sido levantadas preocupações com relação ao impacto da pandemia da COVID-19 sobre a saúde mental, perdas acadêmicas, desnutrição e abuso infantil, sendo incerto como será o eventual retorno à vida socializada.

Os impactos psicológicos durante a pandemia têm sido descritos como uma carga considerável na saúde mental, incluindo ansiedade, depressão e sintomas de transtorno de estresse pós-traumático. O fechamento das instituições educacionais e atividades de lazer interromperam significativamente as atividades pessoais, com a consequente falta de normalidade social, perda de realizações acadêmicas e diminuição da atividade física, evocando previsões de ramificações persistentes no funcionamento psicossocial que podem perdurar pelos próximos anos (CRISTOFFEL et al., 2020).

Repercussões Psicológicas

A criança é um ser que filtra as informações do seu entorno, construindo sua trajetória psicológica na interação com ambientes físicos e sociais. Nesse contexto, em um ambiente de tensão, ficam sensíveis e passam a apresentar comportamentos fora do habitual, pois seus sentimentos estão modificados, tirando-lhe a tranquilidade para pensar, lidar com suas dúvidas e realizar tarefas (NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA, 2020).

Durante uma pandemia severa como a da COVID-19, Humphreys et al. (2020) afirmam que programas de mitigação baseados na comunidade, como o fechamento de escolas, parques e playgrounds, perturbam o estilo de vida normal das crianças e podem potencialmente promover angústia e confusão. Tanto os pré-escolares, quanto os escolares, tendem a se tornar

mais exigentes, tendo que lidar com essas mudanças, e podem exibir impaciência, aborrecimento e hostilidade, o que, por sua vez, pode fazer com que sofram violência física e mental por parte de pais excessivamente pressionados.

O desenvolvimento emocional ideal das crianças é uma miríade complexa de fatores inter-relacionados que transcendem os fatores sociais, psicológicos e biológicos. Há décadas sabe-se que a privação sensorial pode ter efeitos devastadores no desenvolvimento infantil, em alguns casos causando deficiência intelectual. A privação sensorial precoce e um ambiente empobrecido tem associados a quociente de inteligência (QI) mais baixo e maior tendência a desenvolver transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) (MACKES et al., 2020).

Fatores estressantes como monotonia, decepção, falta de contato com colegas de classe, amigos e professores, de espaço pessoal em casa e perdas financeiras familiares durante os bloqueios, todos podem desencadear consequências mentais adversas problemáticas e até prolongadas em crianças. A interação entre suas mudanças de rotina diária, confinamento em casa e medo da doença podem intensificar ainda mais essas reações mentais indesejáveis, resultando em um ciclo vicioso (WANG et al., 2020).

Remmerswaal e Muris (2011), ao analisarem o impacto da pandemia da gripe suína H1N1, de 2009, na população infantil, observou que reações de medo sobre a doença e informações sobre ameaças relacionadas ao H1N1 obtidas de seus pais e outras mídias, acarretaram quadros de fobia, estresse pós-traumático, dentre outros, depois de obterem informações sobre riscos e outros detalhes preocupantes por meio da mídia audiovisual, incluindo a mídia social.

O Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância (NCPI, 2020) relata que o isolamento social pode acentuar ou fazer surgir dificuldades comportamentais e funcionais nas crianças, dentre as quais a dependência excessiva dos pais, desatenção, preocupação, problemas de sono, falta de apetite, pesadelos, desconforto e agitação.

Crianças com mães/pais solteiros que são profissionais de saúde da linha de frente são ainda mais impactadas e podem sofrer de dificuldades de adaptação se os pais adoecerem ou precisarem se manter afastados da família. A separação momentânea ou prolongada pode deixar a criança nervosa devido a se preocupar consigo mesma e com a vida de seus entes queridos e causar problemas psicológicos prolongados. Segundo Dubey et al. (2020), além das mudanças repentinas na rotina diária e um estilo de vida sedentário, os filhos dos trabalhadores da linha de frente da COVID-19 estão passando por experiências bem mais traumáticas, que podem ocasionar raiva e agressividade.

Devido ao confinamento, Linhares e Enumo (2020) afirmam que requisitos de distanciamento físico e ordens de ficar em casa durante a pandemia, as crianças alteraram sua forma de brincar, o que pode ocasionar sentimentos de solidão, tristeza e depressão. A solidão é uma experiência extremamente dolorosa que é a soma de uma necessidade não satisfeita de intimidade e relacionamentos sociais que são considerados insuficientes ou não inteiramente satisfatórios. Portanto, o surgimento desse sentimento indica que a interação com os pares é extremamente importante para as crianças. Ou seja, precisam do contato com outras pessoas, como amigos e colegas de classe, e o fato de se sentirem solitários indica que não estão tendo a oportunidade dessa interação, ou pelo menos, não na medida necessária.

A falta de segurança e confusão em relação às mudanças no ambiente durante uma pandemia podem incutir medo e pânico nas crianças. Estarem desinformadas, mal informadas e terem perguntas sem resposta sobre a natureza e o modo de transmissão são preocupações que também contribuem para a ansiedade e sentimentos de culpa e responsabilidade se um membro da família adoece (CLUVER et al., 2020)

A mudança na estrutura e na rotina da vida das crianças causa dificuldades de adaptação, reações de estresse e trauma. O estresse pode se manifestar de maneiras diferentes em diferentes grupos etários, no entanto, aquelas em idade escolar tendem a manifestar sintomas por meio de questões comportamentais, como afastamento de amigos e familiares, bem como diminuição do interesse pelas atividades diárias. Crianças afetadas pelo luto muitas vezes experimentam mais isolamento, têm mais pesadelos com a morte de seus pais e vivem com medo constante do que o futuro trará (LEVANDOWSKI et al., 2021).

Para a OMS (2020), a perda de um ente querido, amigos ou professores durante um período de distanciamento físico é uma circunstância ímpar, em que processos padrão de encerramento, como funerais e reuniões familiares, são restritos. Isso representa uma nova ameaça para as crianças enlutadas, na qual os sentimentos de isolamento podem ser exacerbados.

Repercussões Sociais

De acordo com a UNICEF (2020), devido ao fechamento de escolas, muitas famílias perderam o acesso a programas de alimentação escolar, encontrando-se, assim, em uma posição

em que devem fornecer refeições para seus filhos e, naquelas famílias economicamente vulneráveis, essa alimentação é menos nutritiva do que aquelas fornecidas pela escola.

Concomitantemente, o aumento do desemprego relacionado à pandemia também impactou a qualidade e o volume de alimentos que as famílias podem pagar, tendo um impacto negativo adicional na nutrição das crianças. Um relatório da UNICEF (2020) prevê que a insegurança alimentar aumentará 80% em relação a 2019, especialmente nos países mais pobres, em grande parte devido à pandemia de COVID-19.

Essas perdas são ainda exacerbadas pela diminuição da disponibilidade de alimentos e aumento dos custos dos alimentos devido ao fechamento de fronteiras e mercado, que criam obstáculos para a aquisição de alimentos nutritivos para famílias economicamente desfavorecidas (ARAÚJO et al., 2020).

O acesso desigual a ferramentas de aprendizagem tem sido considerado um grave problema educacional, chegando a somente 1-2% em países de baixa renda. Essa exclusão digital é resultante de diferenças de status socioeconômico e vulnerabilidades pré-existent, mas que se agravaram ainda mais no período pandêmico, prevendo-se que repercutirá negativamente no futuro de milhões de crianças em todo o mundo (UNICEF, 2020).

O fechamento de escolas, aliado às medidas de isolamento físico, também atrapalha o desenvolvimento social e emocional das crianças e interfere no desenvolvimento de habilidades de enfrentamento, impactando a aprendizagem e aumentando a lacuna socioeconômica (CLUVER et al., 2020).

Uma consequência da pandemia é o aumento significativo do tempo das crianças diante das telas da televisão, computadores, tablets e smartphones. Devido às medidas de isolamento e a permanência dos filhos em casa, o uso destes aparatos tecnológicos é muitas vezes estimulado pelos pais como forma de distração. Entretanto, a OMS (2020) alerta que, apesar de serem importantes para manter as crianças conectadas, participando de jogos e da educação remota, os riscos de resultados negativos, incluindo segurança online reduzida (ou seja, exploração sexual), preocupações com a privacidade, práticas de marketing prejudiciais e *cyberbullying*, também devem ser reconhecidos e monitorados.

Cristoffel et al. (2020) destacam que outra situação impactante se refere ao aumento dos conflitos familiares durante a pandemia, devido ao aumento do estresse ocasionado pelo isolamento e às pressões econômicas, que podem levar a desentendimentos e até à exploração infantil, especialmente em caso de estilos parentais autoritários.

Níveis elevados de estresse e isolamento para as famílias, juntamente com o acesso reduzido a apoios sociais para as crianças também criam oportunidades para um maior risco de abuso infantil, que está frequentemente associado à falta de estratégias eficazes de enfrentamento. De acordo com relatório conjunto da OMS e UNICEF (2020), os maus-tratos a crianças durante a pandemia da COVID-19 incluem aumento de agressões sexuais, tráfico de crianças e casamento infantil. O abuso de substâncias pelos pais está diretamente associado a maiores níveis de maus-tratos infantis.

Por fim, Safadi (2020) cita que o distanciamento físico durante a COVID-19 interrompeu redes sociais de proteção e espaços seguros para as crianças, resultando em um risco elevado de exploração infantil e alguns grupos específicos de crianças podem sofrer mais danos. As meninas são mais propensas a sofrer violência de gênero, a serem exploradas sexualmente e sofrem com o aumento das taxas de gravidez na adolescência.

Conclusão

A pandemia da COVID-19 está associada a números expressivos de morbidade e mortalidade. No entanto, além dos resultados físicos, devido às mudanças radicais ocasionadas pelas medidas de contenção da doença, é preciso dar atenção aos fatores psicossociais que tem afetado toda a população, atingindo de forma especial a população infantil.

Em relação aos impactos sociais, as medidas de isolamento social, que levaram ao fechamento das escolas, aumentaram o estresse parental, os riscos nutricionais, a exposição das crianças ao abuso infantil e violência doméstica, principalmente em lares socioeconomicamente mais vulneráveis, aliado à falta de atividades físicas e muitas horas diante das telas de televisão e celulares foram fatores encontrados na literatura.

No que se refere aos impactos psicológicos, acredita-se que a doença, multiplicada pelo isolamento físico, pode induzir medo, pânico, ansiedade e depressão nas crianças, o que pode gerar uma 'segunda pandemia' de crises de saúde mental.

A introdução de habilidades de adaptação positiva é essencial. A população infantil precisa se sentir segura, protegida e positiva sobre seu presente e futuro. Os cuidadores podem ajudar, concentrando a atenção das crianças em histórias sobre como as pessoas se reúnem, encontrando soluções criativas para problemas difíceis e superando adversidades durante este difícil momento para todos.

Conclui-se que, neste período de pandemia, a criação de atividades para promover a saúde e o desenvolvimento saudável e prevenir o estresse torna-se uma prioridade, a fim de melhorar a saúde das crianças e suas famílias. Diante dessas consequências não apenas emocionais, mas também em termos sociais, é essencial que governos e autoridades locais desenvolvam políticas sociais e inclusivas que atendam às necessidades psicológicas, sociais, de saúde e bem-estar das crianças, a fim de ajudar a mitigar os possíveis efeitos que podem sofrer como consequência da pandemia da COVID-19.

Referências

ARAUJO, L. A. D. et al. The potential impact of the Covid-19 pandemic on child growth and development: a systematic review. **J Pediatr**, v. 921, p. 1-10, 2020.

CHRISTOFFEL, M. M. et al. Children's (in)visibility in social vulnerability and the impact of the novel coronavirus (COVID-19). **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. Suppl 2, p. 1-5, 2020.

CLUVER, L. et al. Parenting in a time of COVID-19. **The Lancet**, v. 395, n. 1, p. 64, 2020.

DUBEY, S. et al. Psychosocial impact of COVID-19. **Diabetes & Metabolic Syndrome. Clinical Research & Reviews**, v. 14, n. 1, p. 779-788, 2020.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA - UNICEF. **Covid-19: crianças em risco aumentado de abuso, negligência, exploração e violência em meio à intensificação das medidas de contenção.** Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-criancas-em-risco-aumentado-de-abuso-negligencia-exploracao>. Acesso em: 13 jun. 2021.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Aliança para a proteção da criança na ação humanitária. Fim da Violência Contra as Crianças. **COVID-19: Protegendo as crianças contra violência, abuso e negligência no lar.** Disponível em: <https://www.unicef.org/sites/default/files/2020-05/COVID-19-Protecting-children-from-violence-abuse-and-neglect-in-home-2020.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2021.

HUMPHREYS, K. L.; MYINT, M. T.; ZEANAH, C. H. Increased risk for family violence during the COVID-19 pandemic. **Pediatrics**, v. 146, n. 1, p. 1-5, 2020.

LEVANDOWSKI, M. L. et al. Impacto do distanciamento social nas notificações de violência contra crianças e adolescentes no Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 1, p. 1-15, 2021.

LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estud. psicol**, v. 37, n. 1, p. 1-14, 2020.

LOADES, M. E. et al. Rapid systematic review: the impact of social isolation and loneliness on the mental health of children and adolescents in the context of COVID-19. **J Am Acad Child Adolesc Psychiatry**, v. 59, n. 11, p. 1218-1239, 2020.

MACKES, N. K. et al. Young Adult Follow-up team. Early childhood deprivation is associated with alterations in adult brain structure despite subsequent environmental enrichment. **Proc Natl Acad Sci**, v. 117, n. 1, p. 641-649, 2020.

NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. **Repercussões da pandemia de COVID-19 no desenvolvimento infantil**. São Paulo: NCPI, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **Declaração dos líderes conjuntos: Violência contra as crianças; uma crise oculta da pandemia COVID-19**. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/detail/08-04-2020-joint-leader-s-statement---violence-against-children-a-hidden-crisis-of-the-covid-19-pandemic>. Acesso em: 6 jun. 2021.

REMMERSWAAL, D.; MURIS, P. Children's fear reactions to the 2009 Swine Flu pandemic: the role of threat information as provided by parents. **J Anxiety Disord**, v. 25, n. 1, p. 444-449, 2011.

RUBIN, G. J.; WESSELY, S. The psychological effects of quarantining a city. **BMJ**, v. 368, n. 313, p. 1-2, 2020.

SAFADI, MAP. The intriguing features of COVID-19 in children and its impact on the pandemic. **Jornal de Pediatria**, v. 96, n. 3, p. 265-268, 2020.

SOBRINHO JUNIOR, J. F.; MORAES, C. C. P. A COVID-19 e os reflexos sociais do fechamento das escolas. **Dialogia**, n. 36, p. 128-148, 2020.

WANG, G. et al. Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. **Lancet**, v. 395, n. 10228, p. 945-947, 2020.